

A CONSTITUIÇÃO DO ESPAÇO E A EDUCAÇÃO: ANÁLISE INSTITUCIONAL A PARTIR DA ARQUITETURA DE UMA ESCOLA PÚBLICA

Paulo Emílio Gomes Nobre¹, Adriano de Souza Alves²

Resumo: Percebe-se que a organização escola, através do processo “ensino- aprendizagem” conduz os agentes a uma alienação do “não-saber”, de não conhecer quais são as condições reais em que se está ensinando. Trata-se do que se costuma chamar de alienação através da ideologia. Há um doutrinação que acontece por parte da classe dominante que transmite uma definição de mundo, uma noção do processo de aprendizagem, de objetivos de vida, dos valores e do sentido da existência destes agentes. Existem muitas formas de doutrinação. Este trabalho tem como objetivo mostrar como a arquitetura de uma organização tem uma grande influência no processo de institucionalização dos agentes que ali operam, de manutenção e imposição de uma ideologia dominante. Na organização em questão as questões que ficaram mais evidentes a partir da sua estrutura física são relacionados à falta de planejamento, espaço, privacidade, convivência, dificuldade na comunicação e articulação, reforço de posições hierárquicas e de autoridade e desconsideração com o corpo discente.

Palavras-chave: alienação, ensino, estrutura, ideologia, instituição

Introdução

A proposta deste trabalho é mostrar como a arquitetura de uma organização tem uma grande influência no processo de institucionalização dos agentes que ali operam. A estrutura vai impondo de maneira sutil, porém não menos eficiente e atroz,

¹ Graduando em Psicologia e bolsista de iniciação científica – FAVIÇOSA/UNIVIÇOSA. E-mail: paulopsicologia@outlook.com

² Docente do curso de Psicologia – FAVIÇOSA/UNIVIÇOSA. E-mail: adrianounivicos@hotmai.com

as limitações e as orientações colocadas pelo poder instituído. Juntamente com o discurso, é através dos planos, arestas, conformações e disposições, que a ideologia se faz presente e se coloca frente aos instituintes, gerando conflitos, não só a nível do saber, mas (principalmente) ao nível do não-saber, que são velados e geram os sintomas na instituição. Esse trabalho se justifica, pois, através dele é possível notar como a estrutura física de uma organização diz por ela mesma qual é o “espírito da casa”.

Material e Métodos

Foi realizada uma análise institucional a partir das observações de campo feitas no estágio em uma escola da rede pública de ensino no município de Viçosa/MG. Os dados coletados foram então tratados sob a luz do movimento institucionalista.

Resultados e Discussão

Segundo Barembritt (2002), análise institucional não é um saber que tenta dar conta de todos os desconhecimentos, desvendando assim os laços do tecido social, mas se trata, de fato, de uma investigação permanente, sempre lacunar e circunscrita de como o não-saber e a negatividade operam em cada cultura.

Trazendo essa maneira de pensar para a realidade da instituição educação, percebe-se que a organização escola, através do processo “ensino-aprendizagem” conduz os agentes uma alienação do “não-saber”, de não conhecer quais são as condições reais em que está ensinando. Trata-se do que, no movimento Marxista, costuma-se chamar de alienação através da ideologia. Há um doutrinação que acontece por parte da classe dominante que transmitem uma definição de mundo, uma noção do processo de aprendizagem, de objetivos de vida, dos valores e do sentido da existência destes agentes. Em que os dominados, na posição de não saber, devem aceitar passivamente tudo que é oferecido.

Segundo Barus-Michel (2004), numa análise institucional,

a unidade, abstrata e consensual, deve ser exposta. A formulação de questionamentos e hipóteses só se dão após se ter situado a instituição em pauta. A arquitetura revela o estabelecimento do poder e da ideologia. Há uma distribuição e atribuição de lugares a funções e pessoas que revelam hierarquia de valores.

Pois bem, a organização em questão é uma escola municipal. Está sediada em um bairro residencial já nos limites urbanos do município, apesar de não se tratar de uma zona periférica, na acepção socioeconômico da palavra. A sede é composta de dois edifícios: uma casa e uma segunda estrutura anexada. Vale mencionar que a casa, antes de se tornar uma escola, era residência de uma senhora, avó do atual prefeito. A escola leva seu nome como homenagem. O edifício principal é composto de três níveis, construída recostada em um aclave, de maneira que o acesso se dá pelo andar superior (situado ao nível da rua). O andar inferior, o anexo e o pátio (atrás do anexo) estão abaixo.

A fachada é gradeada e a porta permanece trancada durante maior parte do tempo. No andar superior do edifício principal estão três salas: a secretaria, a sala de informática e a sala de café/diretoria. Interessante notar que esta última exerce duas funções, no mínimo, conflitantes, sendo que a mesa de café, reunião e socialização de professores e funcionários e a área de trabalho das diretoras é “dividido” por um armário. A sala de informática é equipada com aproximadamente 20 computadores e é usada principalmente para palestras e reuniões, apesar de não haver estrutura para tais práticas. Descendo a rampa ao nível imediatamente inferior, encontram-se três salas de aula. Mais abaixo, após descer um lance de escadas estão uma sala de aula, banheiros e cozinha. Entre esses espaços encontra-se uma mesa em que os alunos fazem as refeições. Anexo ao edifício principal, no nível inferior, encontra-se outra edificação que possui duas salas e um espaço para armazenamento de materiais. Ao fundo desta estrutura há um pátio cimentado frequentado em horário de recreio e educação física. As salas são equipadas com carteiras e cadeiras ergonômicas e em bom estado de conservação.

Conclusões

A estrutura revela alguns pontos interessantes da organização. O primeiro, e mais evidente, é de que não se trata de um edifício planejado e dimensionado para a prática escolar. É uma casa grande que foi reaproveitada e transformada em escola. Não fosse pela placa anunciativa instalada na fachada, um cidadão desavisado passaria sem perceber que estava ali uma escola. É possível que a semelhança da escola com uma casa faça com que a comunidade escolar como um todo (principalmente os alunos) apresente dificuldades em discriminar contingências aplicáveis a comportamentos em casa e na escola. Deriva também deste fato a observação de que não há muitos espaços que permitam momentos de privacidade no ambiente. Principalmente na sala do café/diretoria. É na sala do café que professores e funcionários socializam, discutem, articulam e refletem questões acerca do ambiente escolar, muitas vezes em relação à própria administração, mas no caso em questão essa atividade é restringida, pois o ambiente é contíguo à diretoria. A mesma lógica se aplica inversamente, assuntos de cunho administrativo são tratados de maneira que todos que estão na sala do café possam presenciar. Não há uma sala específica para reuniões, o que influencia na falta de comunicação e articulação na organização. A mesa de refeições dos alunos não é grande o suficiente para comportar todos eles no momento do recreio. Muitos comem enquanto andam ou comem sentados em bancos espalhados na área. A escada de acesso ao nível inferior é estreita para o fluxo de pessoas presenciado. Enfim, falta espaço para socializar, reunir, discutir e até para comer. A alocação da diretoria/sala do café e secretaria no topo da estrutura física diz muito da hierarquia e acessibilidade da organização.

Convencionou-se chamar de pátio a área ao fundo da escola, mas trata-se de uma área recentemente (e meramente) cimentada. Não possui brinquedos, demarcações (pinturas de quadras), cobertura e nem delimitação com terreno baldio ao fundo da escola. A desconsideração com o corpo discente é escancarada. As carteiras ficam dispostas à maneira clássica: enfileiradas e direcionadas para

a posição do professor, deixado claro quem é a autoridade e a fonte de saber dentro da organização.

Referências Bibliográficas

BAREMBLITT, G. F. **Compêndio de análise institucional e outras correntes: teoria e prática**. 5.ed. Belo Horizonte: Instituto Felix Guattari (Biblioteca Instituto Félix Guattari; 2), 2002.

BARUS-MICHEL, J. **O Sujeito Social**. (Eunice D. Galery e Virgínia M. Machado, Trad.). Belo Horizonte: Editora PUC Minas. 2004